

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA - ABRIL/15

- Em abril, a indústria de transformação de Santa Catarina produziu 6,6% menos na comparação com o mesmo mês do ano anterior, sétimo resultado negativo nesta base de comparação. A produção da indústria de transformação brasileira recuou 10%.
- Das 12 atividades industriais catarinenses pesquisadas, 11 recuaram a produção.

Principais Pressões – Ind. SC	Abr 2015/Abr 2014
Positiva – Minerais não-metálicos	10,1%
Negativa – Metalurgia	-28,3%

FONTE: IBGE

Produção Indústria de Transformação do Sul e Brasil – acumulado no ano (jan-abr/15)

Estados da Região Sul	Jan-abr 2015/Jan-abr 2014
Paraná	-8,5%
Santa Catarina	-6,7%
Rio Grande do Sul	-8,1%
Brasil	-8,4%

FONTE: IBGE

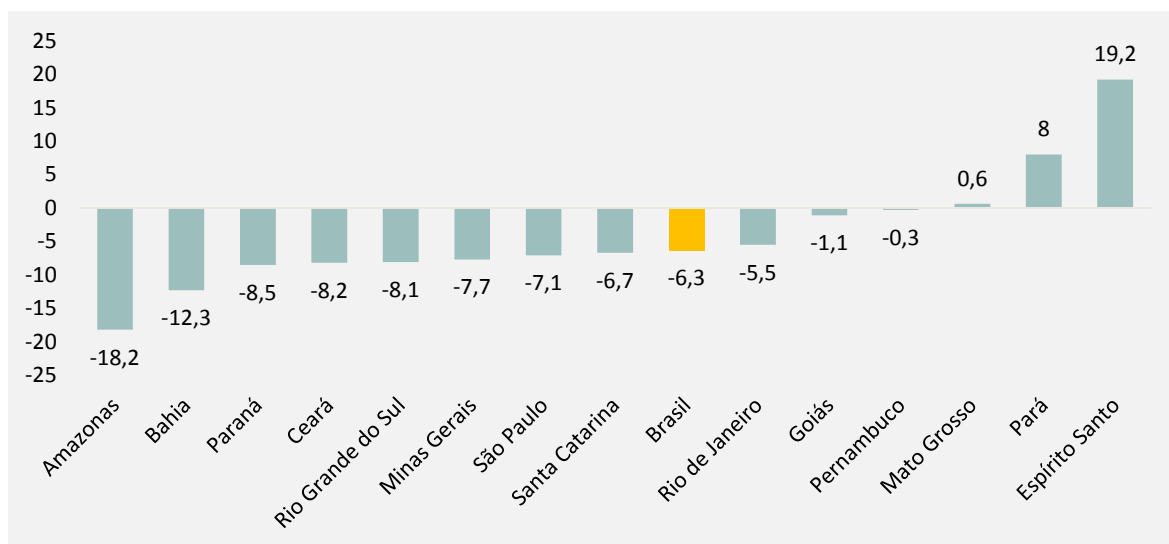
PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASIL – RESULTADOS REGIONAIS (JAN-ABR/2015)

No período acumulado de janeiro a abril de 2015, frente a igual período do ano anterior, a redução na produção nacional alcançou 12 dos 15 locais pesquisados.

Amazonas, Bahia, Paraná, Ceará, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina apresentaram as maiores quedas. Rio de Janeiro, Goiás e Pernambuco completaram o conjunto de locais com resultados negativos. O menor dinamismo nesses locais foi influenciado pela redução na produção de bens de capital (em especial aqueles voltados para equipamentos de transportes – caminhão-trator para reboques e semirreboques, caminhões e veículos para transporte de mercadorias), bens intermediários (autopeças, derivados do petróleo, produtos têxteis, produtos siderúrgicos, produtos de metal, petroquímicos básicos, resinas termoplásticas e defensivos agrícolas); bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos da linha branca e da linha

marrom, motocicletas e móveis) e bens de consumo semi e não-duráveis (medicamentos, produtos têxteis, vestuário, bebidas, alimentos e gasolina automotiva).

Produção Industrial – Indústria geral. Variação (%) do índice acumulado no ano jan-abr 2015/jan-abr 2014.



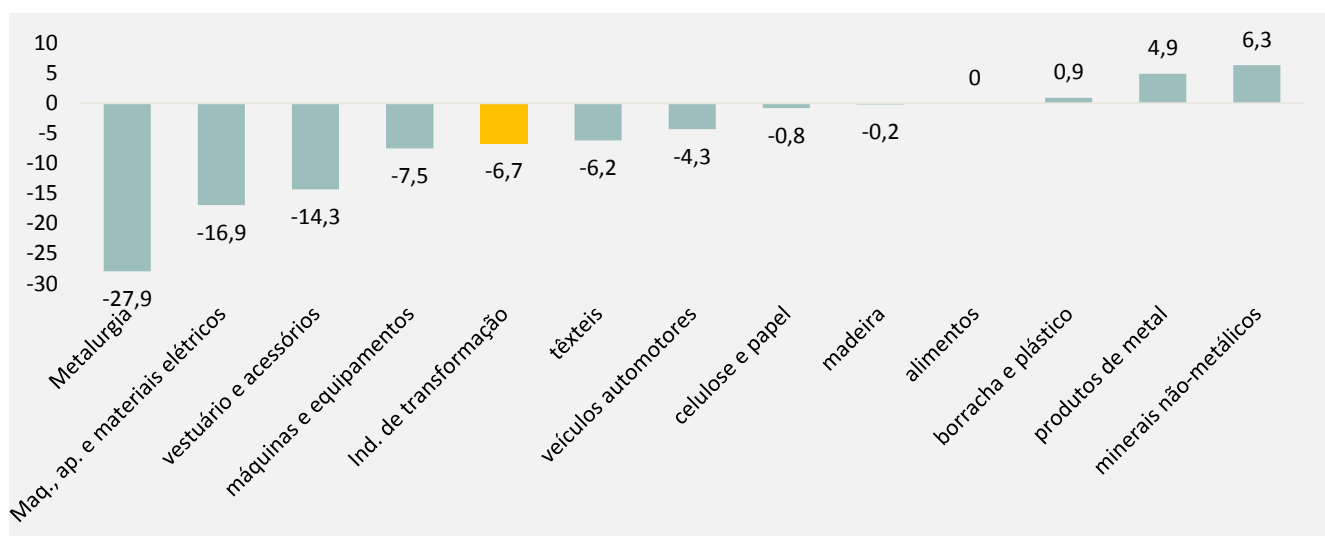
Fonte: IBGE.

Por outro lado, Espírito Santo e Pará apresentaram as expansões mais elevadas, impulsionados pelo setor extrativo (extração de minério de ferro). Adicionalmente, a produção de Mato Grosso também cresceu influenciada pela indústria de carnes de bovinos frescas ou refrigeradas, tortas, bagaços, farelos e outros resíduos da extração do óleo de soja, carnes e miudezas de aves congeladas e derivados de petróleo e biocombustíveis.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA

A produção do setor industrial catarinense recuou 6,7% no primeiro quadrimestre de 2015, com oito dos doze setores pesquisados com queda de produção. Nos últimos 12 meses, a retração da produção foi de 4,2%, na mesma intensidade de março (-4,2%) e maior na comparação com os outros meses do ano – fevereiro (-3,6%) e janeiro (-2,5%).

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA. VARIAÇÃO (%) JAN-ABR 2015/JAN-ABR. 2014.



FONTE: IBGE.

Variação Positiva	Var (%)	Principal influência (jan-abr.2015/jan-abr. 2014)
Minerais não-metálicos	6,3	Ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica para pavimentação ou revestimento e artigos de porcelana para serviço de mesa ou de cozinha
Produtos de metal	4,9	Aparelhos de barbear de segurança e esquadrias de alumínio

Variações Negativas	Var (%)	Principais influências (Jan-abr 2015/Jan-abr. 2014)
Metalurgia	-27,9	Artefatos e peças diversas de ferro fundido
Vestuário e acessórios	-14,3	Camisetas de malha, camisas de uso masculino, camisas, blusas e semelhantes de malha de uso feminino, vestidos de malha, calças, bermudas, jardineiras, shorts e semelhantes de malha de uso feminino e conjuntos femininos
Máquinas, aparelhos e material elétrico	-16,9	Refrigeradores ou congeladores e motores elétricos de corrente alternada ou de corrente contínua
Máquinas e equipamentos	-7,5	Compressores usados em aparelhos de refrigeração, silos metálicos para cereais, betoneiras e máquinas para amassar cimento, partes e peças para refrigeradores, congeladores e semelhantes e aparelhos para filtrar ou depurar líquidos
Têxteis	-6,2	Roupas de banho de tecidos de algodão e tecidos de algodão tintos ou estampados.

Os resultados do primeiro quadrimestre mostram um perfil disseminado de queda da produção industrial nas principais atividades industriais do Estado. As atividades mais afetadas continuam sendo aquelas mais ligadas à cadeia automobilística. A General Motors concedeu férias coletivas para todas as suas unidades no país, inclusive na unidade de motores de Joinville, que ficará parada duas semanas. Depois de recordes de produção e vendas em 2013, a indústria automobilística tem o pior período de vendas dos últimos oito anos e o resultado mais fraco na produção em nove anos. A Anfavea estimou que a retração no consumo de veículos esse ano será de 20,6% e a produção cairá 17,8%. A queda na produção atinge mais a indústria de caminhões, que teve o pior maio desde 1999.

Uma série de indicadores de atividade estão em queda. No acumulado de dozes meses, caiu a expedição de papel ondulado (-0,53%), produção de aço bruto (-0,39%), produção de insumos para construção civil (-7,5%), consultas ao Serasa/SPC (-0,9%), emprego na indústria (-2,5%, conforme CNI), produtividade da indústria de transformação (-1,57%).

Mas, a inflação não arrefece, o que prejudica a perspectiva de um cenário futuro com juros mais baixos. O IPCA de maio surpreendeu o mercado e acumulou alta de 5,34% ao ano, o maior resultado desde 2003. O índice foi pressionado pelos preços de energia.

O Banco Central sinalizou que pretende parar de subir os juros quando a projeção de inflação para 2016 for de 4,5%, o que somente será conhecido na divulgação do Relatório de Inflação daqui a duas semanas. A próxima reunião do Comitê ocorrerá em 28 e 29 de julho.

Além da retração da demanda, a indústria enfrenta a elevação dos custos Industriais. Conforme o estudo da CNI, o indicador registrou 0,8% de aumento entre o último trimestre de 2014 e o primeiro trimestre de 2015, conduzido pela desvalorização da taxa de câmbio, que encareceu os insumos importados em 8,2%, e pelo crescimento de 8,7% dos preços de energia elétrica.

Se o ambiente interno é de retração, no que se refere ao setor externo, se percebe uma diminuição maior das importações do que um estímulo significativo das exportações. Alguns segmentos importadores de produtos intermediários, como a indústria têxtil, por exemplo, enfrentam dificuldade de reduzir o conteúdo importado (Dohler importa 25% do total de insumos), mas sentem a maior demanda de varejistas que buscam fornecedores locais. Acredita-se que este movimento de substituição de importações ficará mais evidente no segundo semestre.

No caso das exportações de carnes, as quais vêm apresentando fracos resultados nos últimos meses, tem-se a perspectiva de melhora ao longo do ano. O crescimento das vendas externas de carnes bovina, suína e de frango deve-se à retomada das vendas à China e a reabertura de mercados como Iraque e África do Sul. Além desses, ainda há a esperada abertura dos mercados da Arábia Saudita e dos EUA, que estão em processo de negociação.

Entretanto, as negociações comerciais parecem avançar em ritmo lento. A Argentina quer ganhar tempo para realizar um acordo com a União Europeia, postergando para depois das eleições presidenciais que ocorrem em outubro. A UE tem acordos comerciais com 26 países da América Latina e do Caribe e a necessidade de realizar uma negociação através do Mercosul, respeitando o multilateralismo, tem deixado o Brasil isolado. O acordo Mercosul-UE é fundamental para a indústria de alimentos. O Brasil, por outro lado, lançará no dia 23 de junho um Plano Nacional de Exportação que abrangerá medidas de facilitação do comércio, financiamento, seguro e garantias; melhora dos regimes tributários especiais; promoção comercial e acesso a mercados mediante acordos comerciais.

Os dados caracterizam, portanto, um ambiente recessivo. Por outro lado, sabe-se que as recessões não duram para sempre. Geralmente, são de três trimestres. Recessões mais longas são as que sucedem crises financeiras, como a que ocorreu com os EUA depois da crise de 2008.

O grande risco para o Brasil, portanto, é passar um período prolongado com baixo crescimento. Muitos analistas acreditam que o Brasil pode estar na armadilha da renda média, período no qual o país tem dificuldade para progredir de forma significativa. Como já não consegue crescer através da inserção de mais pessoas no mercado de trabalho, tem o desafio de aumentar a produtividade (fazer mais com os mesmos recursos), o que será alcançado com incrementos em educação, gestão e inovação. É claro que um aumento de fatores terá contribuição significativa (investimentos), mas o grande diferencial estará na produtividade.

Para os próximos meses, é fundamental que ocorra o aumento da confiança, o que depende dos resultados dos ajustes realizados e de como o mercado receberá o novo plano de concessões anunciado essa semana. O crescimento não virá mais do consumo (renda real em queda, restrição do crédito, desemprego), nem dos gastos do governo (ajuste) e as exportações mostram ter baixo fôlego. Logo, somente a retomada dos investimentos deve dar novo ânimo à economia brasileira e isso depende, fundamentalmente, do ambiente político.